

CONFISSÕES DE ARNOLDO

TANNY

Duílio Gomes

1º Ano — Faculdade de Direito

Meu nome é Arnaldo e eu moro aqui mesmo, na favela do dois a um. Mãe tá sempre falando pra gente que pobre não tem vez e eu estou cansado de saber disso. Outro dia mesmo eu estava engraxando o sapato de um cara lá na cidade (sou engraxate, sabe) e vai daí, depois que acabei de dar o lustro e tava na hora de receber o dinheiro, o camarada foi saindo sem pagar. Aí eu chamei o sujeito, até com muita educação, pra ver se êle pagava, porquê às vêzes esquece mesmo de pagar e vai saindo distraído. Mas então, eu chamei: ô, faz favor, o senhor esqueceu de me pagar. O moço parece que não escutou e continuou andando, parece até que apressou mais o passo, o sapato brilhando tanto debaixo do sol que eu até senti uma coisa gozada de ver aquêle sapato brilhando tanto porquê eu nunca tinha caprichado assim em sapato de ninguém, nem mesmo no do Marcolino, que é meu padrinho e que eu costumo engraxar de graça. Dava até pena ver aquêle homem com o sapato tão legal de bonito querendo fintar a gente. Eu já tava até com vontade de deixar êle ir embora assim mesmo, sem pagar, mas resolvi e saí correndo atrás dêle. Cheguei lá perto dêle e pedi meus honorários: ô moço, o senhor se esqueceu de pagar a engraxada. Êle olhou pra mim e falou: ah, é mesmo? Eu falei que era duzentos. Êle deu uma cuspada de lado e falou que era da polícia e que polícia não paga nada e era pra eu ir andando logo

senão eu ia prêso. Quando eu contei pra mãe êsse caso ela repetiu que pobre não tem vez. Que diabo, é assim mesmo. Mãe dá um duro desgraçado aqui no dois a um, porquê a família é grande e pai a gente não conheceu desde pequeno. Eu sou o mais velho e depois de mim tem mais quatro, tudo engatinhando ainda, de tão pequeno, só a Neuzinha é que já tem cinco anos e ajuda um pouco na casa. Eu qualquer dia dêsses vou fazer nove anos. Mas, como eu falei, mãe dá um duro danado pra sustentar a gente que até dá pena de ver ela carregando água lá na cidade e catando papel. Eu às vêzes ajudo ela. Ela fala, Nodinho pega aquêlê papelão ali. Aí eu vou e pego o papelão e ponho êle dentro do saco de aniagem. Às vêzes nós passamos o dia inteirinho assim, catando papel. Eu gosto de catar papel. Quando chove é que não é muito bom não porquê a água amolece tudo e quando a gente vai vender a papelada êles não aceitam e o dia fica perdido. Quando chove a gente não cata papel nem carrega água, pois quem é que vai querer água se a água tá descendo do céu que é uma desgraça. Por isso é que quando chove a gente deita de barriga vazia. Porquê também ninguém vai engraxar sapato pra afundar êle na lama e perder o dinheiro. E quem não ganha o dinheiro sou eu. Chego em casa de mão abanando. E todo mundo deita de barriga vazia. Não tem sopa. Nem chôro. Porquê se chorar mãe vem lá de dentro e vai batendo sem parar até a gente parar com o chôro. Quando eu fico assim, querendo dormir mas com fome, e não consigo dormir, eu começo a pensar numa porção de coisa boa de comer. Fico pensando em bôlo, em doce, chocolate, sorvete e aí então daí a pouco já estou roncando. Mãe fala que nos dias de chuva eu converso sòzinho, dormindo, mas eu acho que não deve ser não, porquê, senão, como é que a gente vai conseguir falar se a gente tá dormindo. Não sei como é que pode. Qualquer dia eu pergunto ao Pé de Cabra, que é um amigo que eu tenho e é inteligente, que todo mundo fala que êle é inteligente e eu acho bom ter amigo esperto assim. O Pé de Cabra é de menor mas já foi prêso uma porção de vêzes. Era meu colega na escola mas foi expulso porquê respondeu a professôra com um palavrão que mulher professôra não deve de ouvir. Se ela não fôsse professôra até que não tinha

muita importância, porquê tôda moça daqui tá acostumada com isso, mas professôra a gente sabe que é diferente, sei lá. Mas o caso é que Pé de Cabra já foi prêso: uma vez porquê tava muito baratinado, depois de beber uma garrafa de cachaça. Deu de jogar pedra nos carros lá na cidade. Falou que tinha raiva de gente rica. Eu acho que eu também tenho, mas não falo, que não sou bôbo. Quebrou os vidros de um carro azul, grandão, muito bacana e a dona que tava dirigindo chamou um meganha na mesma hora. O meganha pegou êle pelo braço e foi dando empurrão nêle. No dia seguinte Pé de Cabra voltou, com um curativo na cabeça. Falou que o delegado era boa praça e todo mundo riu. Quando Pé de Cabra ri a gente tem de rir também pois êle tem só dois dentes na bôca e fica muito gozado. Aí êle acha que é muito engraçado e começa a inventar uma porção de caso. O Pé de Cabra é bom de bola, também. Quando tem futebol lá na cidade todo mundo desce. Não fica nenhum. A gente sempre arruma dinheiro pro futebol. Quem não vai é porquê tá doente ou tá prêso.

Outra coisa boa é quando chega o carnaval. A Maria Totonho ensaia a Escola de Samba um mês inteiro antes do carnaval. A gente vai pro terreiro dela e fica vendo. Todo mundo dança. Tem dia que o pessoal resolve ficar sambando a noite inteira e quando a gente acorda às cinco horas, que é a hora da gente levantar aqui no dois a um, êles ainda estão lá, uns dormindo no chão, outros bebendo cachaça e pulando mole com cara de sono, sem parar. Quando eu crescer vou ser sambista. Ou então passista da nossa Escola de Samba. O nome da Escola é "Quem tem perna tá com tudo". A coisa mais bacana da Escola de Samba são as fantasias. Maria Totonho e as amigas lá dela têm mania de costurar fantasia pra carnaval. A Totonho é tarada com carnaval. Tem gente até que fala que ela gosta mais de carnaval do que de homem, mas isso é mentira porquê a casa dela é a que fica mais cheia dêles, mais do que qualquer outra daqui do dois a um. Ela é muito bonita, eu acho. A Neuzinha falou que quando fôr moça de maior quer ser que nem a Totonho, só pra usar aquêle perfume doido que ela usa e que deixa a gente tonto de tão cheiroso de bom e

aquela flor vermelha de papel de sêda que ela usa no cabelo. O cabelo dela é o mais escorrido daqui. Todo mundo fala. O cabelo de mãe não é escorrido mas eu acho o cabelo dela mais legal do que o da Totonho. Eu até já briguei com o Geralção por causa disso, por causa de que êle falou que o cabelo de mãe é cabelo que não vê pente, mas depois que eu rolei com êle e dei um sôco bem na orelha dêle que até saiu sangue e todo mundo que tava vendo a briga falou que eu sou dos bom, desci correndo pra cidade e comprei um pente branco na venda do sô Lulu, que êle disse era pente de dona muito educada e subi de nôvo correndo e dei pra mãe e comecei a chorar, que nem bôbo. Mãe falou pra eu não ficar gastando dinheiro à toa com trem sem importância pra vida mas até que ela gostou bem e agora penteia o cabelo todo dia, o cabelo de todo mundo de casa, menos o meu, porquê no dia que eu saí com o cabelo todo arrumadinho, pensando que a turma ia ficar bôba de ver, o Pé de Cabra, aquêle merdinha, ajuntou a molecada tôda e veio atrás de mim gritando, óia a menina bonita, vamo dá um passeio. Eu fingi que não tava ouvindo. E êles atrás, que nem rabo de bicho que acompanha o bicho pra tôda parte. Aí então eu enfezei e peguei um calhau e joguei e o calhau foi cair bem na cabeça do Corcunda, um menino que tem um caroço nas costas, mas que é um aleijado muito danado de esperto, e o melado escorreu da cabeça dêle, bem feito. Aí todo mundo correu. Eu também corri. Quando olhei pra trás, lá tava o corcunda, berrando que nem leitão que vai morrer de foiçada e com a mãe dêle, que tava ali por perto e que ouviu a gritaria dêle, mandando cada nome de todo o tamanho. Aí eu resolvi ir lá pro cruzeiro, que é a parte mais alta do dois a um e que tem êsse nome por conta da cruz de madeira que tem lá, uma cruz grande pra burro e que ia dar muita lenha pra fogo mas que ninguém tem coragem de quebrar por causa da maldição de Deus Nosso Senhor, é claro. Mas nem bem eu cheguei no cruzeiro encontrei o Pé de Cabra lá com a molecada dele. Êles olharam pra mim com receio, quer dizer, mais com jeito de respeito do que de mêdo, que mêdo ninguém tem aqui no dois a um e quem tem mêdo é chamado de galinha e ninguém quer ser galinha, pode

perguntar pra qualquer um. Mas vai daí o Pé de Cabra tava lá, né. Fui chegando e me assentei também no chão com êles e nem falei ôi. Ninguém falou ôi pra mim, também. Ficou todo mundo sentado e calado, que nem entêrro, olhando lá pra baixo, móde ver se encontrava sinal de confusão. O Pé de Cabra aí falou assim: "Tô com vontade de comer coquinho amarelo". Nem bem falou e foi se levantando, que êle é resolvido assim mesmo. Eu também levantei e acompanhei êle. Daí a pouco tava todo mundo atrás de nós. Descemos o outro lado do morro e fomos catar coquinho amarelo. O Pé de Cabra subiu num pé de coqueiro e se despencou lá de cima. Sorte dêle é que êle tem osso mole, de tanto cair no chão e assim não quebrou nada. Depois que todo mundo já tava cheio de coquinho se resolveu que o dia tava quente, precisando da gente tomar banho no laguinho. Desceu aquêle mundão de gente pro laguinho e todo mundo nadou pra valer até a pele da gente ficar encarquilhada, com jeito de roxo. Quando a gente voltou pro dois a um tava todo mundo amigo de nôvo e o Pé de Cabra combinou comigo de ir ver macumba amanhã no terreiro da Joantina. Falei pra êle que vou sim.

Quando entrei em casa encontrei a mãe do Corcunda com mãe. Nem liguei pra ela. Fui lá pra dentro e procurei pão debaixo da caçarola, que é o lugar onde mãe esconde êle. Achei um pedaço e comi êle todo. Daí a pouco Neuzinha entrou e falou que o pão era dela e começou a chorar. Me lembrei que tinha um coquinho no bôlso e dei pra ela. Ela comeu com tanta esganação que acabou engasgando. Comecei a rir e mãe veio lá da sala com a mãe do Corcunda pra ver o quê que era. Dona Lurdinha, que é o nome da mãe do Corcunda, encheu uma caneca d'água e deu pra Neuzinha enquanto mãe ia batendo de leve nas costas dela que era pra ela melhorar. Depois que a Neuzinha parou do engasgo, dona Lurdinha falou pra mãe que ela, a Neuzinha, tava bem taludinha e que eu também tava taludo que era uma beleza e aí mãe falou pra ela que o Corcunda também tá crescendo e ficando um homem e as duas ficaram assim, conversando essa conversa bôba e eu fui saindo, até satisfeito porquê as duas nem tavam mais brigando. Mulher é assim

mesmo. Nem bem acabou de brigar e já tá se ralando, falando bem dos filhos e como é que elas vão fazer amanhã pra arrumar dinheiro, se cair chuva. Quando eu cheguei lá fora já tava escuro. Vou te contar, tem dia que a noite tá uma coisa doida de bonita. Tem estrêla que não acaba mais. Eu fico contando elas. Depois perco a conta. Aí começo a olhar a lua. E olho, olho, olho e vejo uma porção de coisa. Bacana é que a gente parece que vai ficar maluco, quando fica olhando muito pra lua. Dá um troço gozado na gente e a pele se arrupia tôda. Mas daí a pouco eu já fico cansado de ver a lua. Aí então eu vou pra casa do padrinho Marcolino. Ele comprou um rádio de pilha e tôda noite, depois que êle chega da cidade, madrinha liga o rádio e a casa fica assim de gente, todo mundo querendo ver o rádio e ouvir música.

Por causa do rádio, que só padrinho que tem aqui no morro, todo mundo trata êle com mais respeito. Madrinha senta perta do rádio e fica tomando conta. Tem moleque que é bem capaz de querer pegar e quebrar aquêle troço que padrinho fala que é mais fraco do que bebê nascido de pouco e que custou um dinheirão, que êle tá pagando devagar.

Às vêzes mãe também vem ouvir música e traz a Neuzinha. Os outros três pequenos ficam em casa, com a dona Zilinha, que é uma dona velha muito boa e por causa de não ter filho fica tomando conta dos filhos dos outros.

Hoje, quem apareceu aqui, pra ouvir rádio foi o Pé de Cabra. Chegou e ficou lá fora mesmo, debruçado na janela. Fingi que não vi êle, porquê êle é meio doido e ia dar aquêle maior berro pra mim na hora que me enxergasse ali, assim, ôi Nôdão, que êle me chama de Nôdão, todo mundo me chama de Nôdão, só mãe é que me chama de Nodinho, e aí, se êle ia berr pra mim, com todo mundo calado, ouvindo música, ia ser aquêle vexame e eu fico muito vermelho de raiva quando tem vexame comigo. Mas não adiantou muito não porquê o Pé de Cabra cansou de ficar dependurado na janela e veio vindo, ginguando o corpo, tirando onda, que êle gosta de tirar onda, aquêle mascarado banguela mas muito legal, e veio vindo, veio vindo, mas sem me ver, e eu já tava até com raiva de mim mesmo de

ter vindo ali, e vai daí, bumba, êle me viu. Engraçado é que não berrou pra mim, do jeito que êle faz. Fiquei até pensando que êle tava doente. Mas era melhor êle ter gritado do que ter feito a coisa que êle fêz, que eu já falei que êle é doido e olha bem se não é doideira o que o Pé de Cabra fêz: pegou o rádio, antes que madrinha pudessa fazer qualquer coisa, que ela tava muito entretida conversando baixinho com uma dona lá perto dela, pegou o rádio, levantou êle na maior altura e gritou assim, "óia, Nôdão, êsse troço é demais, né?" Vou te contar, todo mundo ficou olhando pra êle, pensando que êle tava ficando maluco e daí a pouco apareceu padrinho, danado da vida, berrando pra êle que êle era um moleque muito desgraçado da peste e foi dando pontapé nêle e chamando êle de filho da mãe e tomou o rádio e botou o rádio no lugar que êle tava antes. Pé de Cabra parece que nem se importou, que êle é mesmo sem-vergonha e veio pro meu lado e aí falou: tudo legal aí, seu cara de pau? Aí eu comecei a rir e Pé de Cabra falou que tinha uma garrafa de cachaça lá fora e que tava me procurando pra nós beber ela. Falei pra êle que cachaça roubada não presta e aí êle ficou muito fulo de raiva comigo e berrou que êle tinha comprado ela com muito sacrificio de economia e que se eu não tava querendo êle ia fazer a pista e convidar gente de coragem pra beber com êle, que êle não anda com galinha medrosa. Falou em galinha medrosa comigo é mesmo que mexer com mãe: falei pra êle que ia sim e que era pra êle parar com aquela palhaçada de me chamar de galinha que eu ia quebrar a cabeça dêle igual eu quebrei a cabeça do Corcunda. Aí êle falou que tinha passado na casa do Corcunda e que êle tava deitado, com a cabeça cheia de pano branco com mancha de sangue, que a mãe lá dêle tinha botado nêle. Achei graça e fiquei pensando como é que pode ser o Corcunda com a cabeça cheia de pano branco, que nem lavadeira. Pé de Cabra também desatou a rir e o pessoal da casa olhando pra gente, feito bôbo, de ver a gente rindo assim, igual ao Zé da Venda, que uma vez tirou a sorte grande na Federal. Aí se resolveu que era melhor a gente sair e beber a nossa cachaça em paz lá fora. Pé de Cabra tirou a tampinha com os dois dentes que êle tem na bôca e que até parece mesmo feito só pra abrir

garrafa, de tão parecido com abridor, e aí começamos a beber, cada hora um, na bôca da garrafa. Pé de Cabra depois tirou do bôlso um maço de cigarro, quase cheio ainda e falou, com um bafo desgraçado de cachaça, que aquêlo ali era engatado, aquêlo era. A gente tava sem fogo pra acender o cigarro. Eu falei, vou lá dentro buscar fogo e entrei de nôvo na casa de padrinho. Achei melhor pedir madrinha. Madrinha falou pra mim que eu tinha bebido e que ia falar pra mãe. Falei assim, chateia não e me dá o fogo. Padrinho tava perto, ouviu e êle mesmo me deu a caixinha de fósforo mas falou pra mim que era pra eu não ficar desrespeitando madrinha não que eu sempre tive muita educação. Falei tá bem e saí de novo. Me assentei junto de Pé de Cabra e daí a pouco a gente já tava pitando e bebendo. A gente bebia, bebia e a garrafa nunca que se acabava. Fiquei vendo tudo zonzó, tudo gêmeo, assim: passava uma dona, eu via duas, tinha um árvore, eu via duas. Já tava ficando muito do baratinado. Pé de Cabra aí falou: tô muito doidão hoje e se levantou. Eu também levantei e acompanhei êle. E saiu gritando, que nem doido. A garrafa tava na mão dêle. Todo mundo que êle encontrava êle gritava que quebrava a cara. Eu acho que também falei que quebrava a cara de todo mundo. O caso é que ninguém tava com vontade de brigar e ficava todo mundo rindo pra gente e falando que era pra gente não sumir não. Pé de Cabra tava só bebendo e gritando e andando cada vez mais bambo. Eu também de vez em quando tomava a garrafa da mão dêle. Bebia e cuspia um pouco de lado, que ela era das bravas, daquelas de arder a goela. E vai daí, chegou a hora que o Pé de Cabra arriou. Eu ainda tava meio bom. A garrafa já tinha acabado. Continuei andando. A caixinha de fósforo de padrinho tava no meu bôlso. Tirei ela e fiquei acendendo palito até acabar a caixinha tôda. Me lembrei que amanhã tenho que descer cedo pra engraxar sapato. Tive vontade de chorar de raiva. E ainda ajudar mãe a carregar lata d'água e catar papel. Me deu uma raiva desgraçada, comecei a berrar feito doido e falei pra não sei quem que passou perto de mim que eu ia suicidar. O fulano nem rasgou pra mim. Só falou assim: 'tamos aí. Saí correndo pro cruzeiro, vendo tudo rodando na

minha frente, tudo escuro de dar medo e corria, corria, de vez em quando caía no chão, me levantava de nôvo e continuava correndo até que dei com o cruzeiro na minha frente. Me assentei na beira da pedra onde que a cruz tá fincada e fiquei um tempão lá, vomitando. Achei que era um desrespeito vomitar perto da cruz mas é que eu tava muito cansado pra me levantar e depois também não tinha ninguém vendo. Depois que limpei a bôca com a manga da camisa, fiquei pensando numa porção de coisa. Primeiro, em mãe, depois na Neuzinha, na Maria Totonho, no Pé de Cabra, no padrinho que eu gastei o fósforo todo e pensei também que amanhã vou ter de dar outro duro desgraçado. E tem gente que não precisa de trabalhar porquê tem muito dinheiro. Nunca tinha pensado muito nisso não, que nunca me importei com isso. Mas hoje parece que eu fiquei diferente, sei não. Tô olhando essa cruz e pensando numa porção de coisa. Esse mundo é engraçado. Se eu quisesse suicidar hoje eu suicidava. Mas eu só tenho oito anos. E tô com a roupa tôda suja. É chato morrer sujo. Depois tem mãe que não pode ficar sòzinha. E tem êsse mundão de gente que é amigo da gente. tem de noite, que a gente pode ouvir música, beber cachaça e sonhar com coisa boa de comer que eu nunca comi. Sei não. Não sei se tá certo ou se tá errado. Acho que vou descer de nôvo, que já melhorei um pouco. Amanhã vou ver macumba com o Pé de Cabra e engraxar sapato lá na cidade. Hoje não tem pão mesmo. Mas ainda têm três coquinhos no meu bôlso. Vou dar pra mãe. Eu já tô acostumado a dormir de barriga vazia.